AVEIRO, 25 DE NOVEMBRO DE 1983 — ANO XXX — N.º 1367

Litoral

PREÇO AVULSO — 10$00

SEMANÁRIO

Director, editor e proprietário — *David Cristo* — Redacção e Administração: *Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261)* Composto e impresso na *«TIPAVE» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro Telefs. 27157 - 25669*

S. JACINTO VALORIZA-SE

mas continua distante!

JOAQUIM DUARTE

AS obras do Porto de Aveiro e as transformações subsequentes por que passa a Ria frente a S. Jacinto dão a esta praia uma nova fisionomia e possibilidades futuras até aqui quase ignoradas. Para já, com os molhes construídos e em construção, desenha-se a existência de uma enorme marina, que pode constituir um grande porto de abrigo de pequenas e médias embarcações em serviço ou em recreio. A força das correntes marítimas, que se fazia sentir largamente, dando lugar ao abatimento da muralha que protegia a população, é praticamente inexistente, como inexistentes são os redemoinhos sempre perigosos que faziam voltear as embarcações, perigando muitas vezes as vidas dos utentes.

Desenha-se já em toda a grandeza o novo porto, que abarca toda a zona desde o Forte da Barra até ao cais comercial, passando pelas instalações conhecidas da «Sacor». Naquele ponto, a silhueta da Gafanha da Nazaré quase se transfigurou. Os antigos pontos de referência são agora outros, divisando-se a torre da igreja, o antigo farol e o casario da cidade ao longe.

Uma vez as obras concluídas, ver-se-á, sem esforço, que S. Jacinto, estando ali a dois passos do porto e de terras de Aveiro, continua bem distante da sede do concelho. S. Jacinto, terra de pescadores e também de estaleiros navais, de militares e de turistas, população heterogénea, votada ao abandono, a 50 quilómetros de distância, por terra, da cidade-capital do distrito, continua à espera do seu dia e da sua hora. As suas gen-

Continua na 2.ª página

CARMELITAS *em* AVEIRO

JOÃO GONÇALVES GASPAR

ACONTECEU no passado domingo, dia 20: as religiosas carmelitas voltaram à região de Aveiro.

Efectivamente, vindas dos conventos do Porto e de Fátima, nove irmãs já se encontram no convento de Cristo Redentor, instalado provisoriamente na residência paroquial de Eirol que, para isso, foi adaptada e ampliada. A prioresa, Madre Maria da Graça de S. José, é natural do concelho da Vila da Feira.

O dia, que coincidiu com a solenidade litúrgica de Cristo-Rei, foi singularmente festivo, com a realização de um programa delineado previamente. Os diversos actos decorreram não só em Aveiro — na secular igreja das Carmelitas, na Casa de Santa Zita e na Catedral — mas também na freguesia de Eirol. Assim se consumou um desejado regresso.

De facto, desde 1658, existiu na cidade de Aveiro uma comunidade de carmelitas, da Reforma de Santa Teresa de Ávila, prosseguindo a vida conventual até 1879 — data em

Continua na 2.ª página

AGORA FALTAM OS TERCEIROS!

AMARO NEVES

CHEGARAM, há dias, as Carmelitas Descalças. Houve festa na cidade com o regresso da Ordem, o que é natural. Mas já ninguém se lembra de quando daqui partiram, entre lágrimas e saudades. Regressaram a Aveiro, esquecidas do passado.

Só que, não houve, na cidade, onde se instalassem, apesar de aqui terem, mesmo que mutilada, a sua antiga casa e a sua igreja (e esta, lamentavelmente, em estado cada vez pior, ainda que — ou talvez por isso — monumento nacional). O Estado, que se apossou das instalações conventuais, devia ter, agora, uma palavra de atenção. Entre nós, para além dos conventos desaparecidos, restam o do Mosteiro de Jesus, o das Carmelitas Descalças e o de Santo António.

Este, por sinal, o único que não é posse total do Estado. Os governantes locais decidiram instalar nele, em área mais adequada para fins culturais, a Polícia Judiciária. Foi, em certa medida, um desrespeito pelo nosso património histórico. Com tantos milhares de contos, certamente que se podia ter feito edifício funcional em nova área urbana; mas... quiseram assim!

Ao menos, que fique a lição. E antes que num futuro próximo decidam tomar o resto das instalações, agora que voltaram as Carmelitas Descalças, por que não os «Terceiros»?

A Ordem Terceira de S. Francisco nasceu em Aveiro nos fins do século XVII. Teve

Continua na 2.ª página

Regionalização... Coimbrã!

MANUEL BÓIA

NÃO queria cansar os leitores do «Litoral» com mais este meu artigo de reflexão. Mas as preocupações, a respeito da regionalização em marcha, são tão instantes que tenho a consciência de cada aveirense necessitar de conhecer em profundidade o problema maior da sua terra, as inevitáveis repercussões que lhe advirão no futuro e sentir a responsabilidade de, em breve, tomar uma decisão de protesto público, em defesa dos nossos valores.

Durante o período em que este prezado semanário saiu com regularidade, abordei aqui o problema com minúcia, chamando a atenção para o apagamento progressivo imposto à liberdade dos aveirenses, por efeitos de um plano mágiaco que nos obriga a subordinar aos pareceres de serviços, ora instalados em Coimbra, quase tudo quanto diga respeito a Aveiro!

Espantosamente, nestes dois anos, a situação agravou-se e a catástrofe, há muito prevista, está a lançar-nos na miséria e na ruína, reduzindo, consciente ou inconscientemente, a nossa esfera de acção a uma actividade de «criados» de Coimbra. Como então denunciei, aos poucos foram já minados praticamente todos os sectores da vida administrativa, pelo que Aveiro, hoje, perdeu todo o respeito que teve outrora no Governo e nas repartições centrais, pois sobrevaloriza-se a «Lusa Atenas» graças à desvalorização da «Cidade da Ria» — uma iniquidade!

Enganam-se os leitores desta comunicação se pensam ser ela apenas retórica e maledicência. Antes assim fosse. Porém, as notícias concretas a seguir referidas consolidam bem o meu pensar e alertarão os aveirenses, que ficarão certamente mais esclarecidos — e revoltados! —, com as medidas tomadas nas suas costas e segundo critérios pouco sérios.

Neste interregno da cintilante vida do «Litoral», a primeira agressão foi o instalar, numa fábrica de Coimbra, do Centro Tecnológico da Cerâmica e do Vidro. Porque tenho outras notícias mais recentes para dar, e porque o assunto já é de todos conhecido e tristemente recordado, apenas proclamo que se trata de um despotismo e de um assombroso erro pedagógico, e declaro porquê; não é a Universidade de Aveiro a única a possuir um departamento dessa especialidade? Não é racional, e moderno, completar a teoria e cultura universitárias com a vivência e colaboração do labor empresarial, para que o ensino seja mais eficaz e perfeito? E como poderão tirar-se vantagens dessas experiências pessoais se um e outro pólo estão distanciados sessenta quilómetros? Só por compadrio com o sinistro plano de regionalização é possível conceber tal despacho...

A avalanche, entretanto, prosseguiu com a criação em Coimbra de um centro náutico. Nada havia a apontar se se reservassem para Aveiro e, por exemplo, Figueira da Foz, idênticos locais de trabalho; mas, na prática, o novo centro vai querer desempenhar um papel larguíssimo, e falso, deprimindo o valor e a habitual independência das nossas agremiações da arte de navegar. Repare-se que só agora o rio Mondego passou a ter água em frente daquela cidade, quando Aveiro é uma laguna desde há séculos!

E se se não denunciam mais hostilidades praticadas contra nós nessa altura, é porque uma boa defesa foi organizada, sob a iniciativa do então Governador Civil, Dr. Fernando Ramundo Rodrigues, ao desencadear uma acção bem documentada, propondo publicamente uma campanha para criação de uma Região Administrativa que não «partisse» os Distritos de Aveiro, Viseu e Guarda, antes os unisse, através de uma linha horizontal, aumentando a sua capacidade de resistência física e moral. Seria designada REGIÃO CENTRO-NORTE, ocupando um espaço onde não se tiraria uma terra a ninguém e para cuja capital, obviamente, escolheu Aveiro, por ser das três cidades a mais dinâmica e, na realidade, a única que conseguiria manter indestrutível a unidade dos vários concelhos dentro de cada um dos distritos, interesse-chave comum.

Entretanto, em face desta acção, o Dr. Fernando Rodrigues foi diplomaticamente levado a pedir a demissão, não sem o Ministro da Administração Interna ter reconhecido que grandes e desabridas pressões haviam sido feitas sobre ele

Continua na 2.ª página

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

XCVI A hstória que vão ler, foi-me contada por um *ceboleiro* que me afirmou que ela não foi inventada por nenhum *cagaréu*.

Aí vai ela: — Dois amigos, um dos quais muito pacato, com uma vida muito metódica, e, até, relativamente, religiosa, e o outro um «estoira vergas», «rapioqueiro» e desordenado, morreram na mesma ocasião, sendo a morte de ambos motivada por um desastre de automóveis.

Passado um ano, um amigo comum, também morreu; e, chegado que foi junto de S. Pedro, pediu-lhe informações acerca do caminho que cada um levou.

Prestou-se S. Pedro a dar essa informação; e, depois de consultar os seus apontamentos, disse-lhe que o primeiro estava no Purgatório; e, perante a admiração do amigo, S. Pedro informou-o de que, apesar da vida que ele fazia, havia uns «pecadinhos» pelos quais precisava de penitenciar-se. O segundo estava no Inferno; e mostrou-lhe um diorama no qual se via aquele cavalheiro muito bem instalado, com uma «loiraça» espampanante a seu lado, uma mesa com frascos, garrafas e copos e, na frente, uma piscina.

Em face do que viu, o amigo, muito entusiasmado, diz a S. Pedro que, se aquilo é o Inferno, também ele gostava de ir para lá. S. Pedro, porém, modera-lhe o entusiasmo e diz-lhe que, antes de tomar qualquer resolução, ouça a explicação que vai dar-lhe.

A «loiraça», diz S. Pedro, é a esposa que, durante todo o dia, e ralada de ciúmes, lhe quebra a cabeça; os frascos e garrafas são de «uísque» fabricado em Sacavém, e que ele tem que beber; a piscina é cheia com água do Canal Central da Ria de Aveiro, aquando da maré baixa.

Na verdade, a historieta não podia ser inventada por nenhum

Continua na 2.ª página

Na MARÉ-BAIXA

AMADEU DE SOUSA

POR influência sensível das obras do porto, o fluxo e o refluxo das marés atlânticas processam-se agora, de forma acentuada, mais rápida e impetuosa.

A Ria transborda por esteiros e canais, galga as margens, chegando a inundar por vezes algumas ruas da zona baixa da cidade, o que apenas acontecia em época de marés vivas, ou coincidentes com as cheias diluvianas do Vouga, e a força dos ventos avessos do lado do mar.

A toalha líquida espraia-se livremente, e a paisagem lagunar ganha maiores dimensões de encanto. Mas, no vaivém das marés, o deslumbramento é quase efémero, pois não tarda — como que num arrependimento — que a água se escoe, de regresso ao seio marítimo.

Então, o belo de antes é horrendo depois. A maré-baixa assenhoreia-se dos canais, e apresenta-nos tal qual são, desnudados das vestes líquidas: um leito negro, fétido, repositório de imundícies.

É assim em pleno coração da cidade, que vive em maré-baixa, à espera das almejadas e prometidas eclusas.

Paradoxalmente, a maré-baixa galga os cais e, alastrando, começa a inundar o burgo.

Continua na penúltima página

Litoral só agora... mas reaparece!

Em 26 de Novembro de 1982, anunciámos que o «Litoral» reiniciaria a sua publicação, auto-suspensa pelos motivos referidos no seu número 1365, de 27 de Novembro do ano antecedente, em editorial sob o título «Férias forçadas e um apelo deste semanário». E dissemos que a suspensão editorial se devia a dificuldades financeiras (em grande parte por débitos de anunciantes e assinantes e sobretudo, pelo aumento dos custos tipográficos) e pela necessidade de constituir um corpo redactorial que, na medida do possível libertasse o director da folha do exaustivo trabalho que lhe ocupava grande parte do tempo, com grande prejuízo das suas actividades profissionais.

Em reunião com devotados colaboradores e amigos do «Litoral», ficou assente resolver os problemas acima referenciados; na altura se anunciou que, em novo encontro, tudo ficaria definitivamente programado, anunciando-se que o «Litoral» reiniciaria a sua publicação regular em Janeiro imediato. Somente ...

Continua na penúltima página

Regionalização...Coimbrã!

Continuação da 1.ª página

pelos dois Secretários de Estado, ambos, disciplinadamente, ligados ou oriundos ao foro de Coimbra!...

É, pois, muito justo que preste aqui a minha homenagem a este ilustre ovarense, por não se demitir da sua função primeira — a defesa firme da unidade distrital —, antes promover caminhos seguros e legítimos em prol dos interesses das nossas gentes, não se ficando por atitudes meramente defensivas.

Continuando a ser guiada apenas pelas conveniências dos outros, Aveiro, nos últimos meses, tem então mesmo entrado na decadência e na auto-destruição. Vejamos: a Direcção-Geral do Ordenamento do Território criou uma nova delegação em Coimbra, à qual Aveiro se subordinará; a Polícia Judiciária está a fazer obras em Aveiro para aí instalar uma subdelegação, dependente da directoria de Coimbra; e o Ministério da Educação cria um novo serviço, tendente à reorganização do ensino técnico-profissional, com base utópica na área da maquiavélica Comissão de Coordenação da Região Centro, inevitavelmente com sede em Coimbra!!!...

Perante esta gigantesca revolução, com reformas hostis e pululando por todo o lado, responsavelmente, como aveirense e pai de aveirenses que amanhã nos imputarão a culpa de não lhes termos deixado condições para fazer progredir a nossa terra, tenho de acusar quem deixa chegar as coisas a este caos — a generalidade dos nossos deputados e dos nossos autarcas.

Talvez o seu ideário seja idêntico ao dos reformadores, mas o meu e de muitos aveirenses não o é. Custa-me a tolerar tanta ingenuidade, e não fujo à responsabilidade de, mais uma vez, tomar uma atitude clara. Protesto por não ter havido um cerrar de fileiras a esta nefasta estrutura governativa, que é injusta, porque destrói uma sociedade bem produtiva.

E qual a solução para nos furtarmos a este triste destino? — desejarão os leitores saber, para, em consciência, ajuizarem do interesse e validade em se alterar, com energia, o rumo para a ameaçadora capitulação total?

Claro que a decisão nunca será entrar em guerrilha com Coimbra, como já ouvi referir. Isso seria um equívoco de trágicas consequências. A nossa mobilização, aveirenses, tem de ser noutro sentido — o da luta pela igualdade de tratamento, por parte do Governo, entre os Distritos de Faro e de Aveiro! Temos de requerer à Assembleia da República que para o Distrito de Aveiro se promovam alterações jurídico-administrativas aptas a fomentarem aqui todos os serviços públicos, de que Faro está a usufruir, e, paradoxalmente, a Coimbra também outorgados. O Distrito de Faro tem o seu valor, mas o nosso, economicamente, sobrepõe-se-lhe vinte ou trinta vezes e em todos os domínios, apenas com excepção do turismo estival.

Temos de resistir contra esta injustiça. É preciso passar-se ao contra-ataque por todos os meios legais, mas ardorosamente, absolutamente convictos de só estarmos a exigir JUSTIÇA!

O Distrito de Aveiro tem direito a uma identidade própria, igual à de Faro, pelo menos. Constitui um centro de desenvolvimento económico e social que é um património nacional precioso. Já uma vez o cognominei de DISTRITO DO PROGRESSO. É largamente credor nas contas públicas do Estado; por seu lado, Faro apresenta sempre défice e Coimbra nem se fala.

Aspiramos e exigimos que termine esta subordinação e divisão do povo do Distrito de Aveiro por duas Comissões de Coordenação (Norte o Centro). Elas esfacelam-nos e desorganizam o que dá lucro ao País.

Pugnamos por uma Direcção Regional de Agricultura, pela Região de Turismo da «Costa Branca», por uma Inspecção de Incêndios, pelo Batalhão da Guarda-Fiscal, por Direcções Bancárias distritais, por uma Directoria da Polícia Judiciária, por uma Delegação do Ministério da Educação, mas sempre como entidades autónomas, para tratarem dos interesses e dos problemas de Aveiro sem se subordinarem aos contactos e pareceres de estranhos.

O Distrito de Faro beneficia de toda esta descentralização; Aveiro tem o seu Distrito espartilhado e a sua vida passou a ser fortemente centralizada em... Coimbra — esta a mui triste e incontestável realidade!

Ainda agora o passo dado pelo Ministério da Educação, não criando para o Distrito de Aveiro o novo serviço de coordenação das actividades técnico-profissionais, é mesmo uma autêntica aberração e uma ofensa aos aveirenses. Sinto o dever de denunciar aqui os planos daquela entidade por tanto nos prejudicarem. É um crime subordinar as futuras «Escolas Técnicas» da industrializada Aveiro a serviços públicos de Coimbra. Sem dúvida que, em matéria de regionalização, uma onda de loucura varre Portugal!

Estas acções deviam também repugnar, espontaneamente, à generalidade dos homens que têm nas suas mãos os destinos de Aveiro e seu Distrito. Mas não sucede assim, porquê?

Porque só defende o Distrito de Aveiro quem for sinceramente seu amigo, quem o venerar! Além de, continuamente, dever ter presente, como aviso, que Aveiro-cidade sem Aveiro-distrito estará sempre limitada e condicionada a um «patrão» discricionário, de quem dependerá, cabecilha de uma teia cada vez mais egoísta. Ora, como consequência de toda a organização administrativa, nestes anos montada, os nossos bens, aveirenses, já são de Coimbra!

Uma entidade nova e de elevada capacidade, entretanto, providencialmente, criada no norte do Distrito, tem posto em prática o ideal pró-Aveiro. Com uma dinamização muito peculiar e persistente, vem organizando vários encontros de reflexão e os seus estatutos definem, inflexivelmente, como primeira prioridade, a defesa dos limites distritais. Chama-se «GRAN» e os seus promotores são de Oliveira de Azeméis e de S. João da Madeira. Mas, face ao ordenamento actual do território, com as Comissões de Coordenação do Porto e de Coimbra a dirigirem, como lhes convier, esta nossa pequena pátria que é o Distrito de Aveiro, aniquilando os nossos méritos e as iniciativas que nos trazem autoridade e prestígio, fazendo apagar toda a nossa liberdade e arrebatando-nos, por cobiça, quanto temos de melhor, duvido que aquela instituição tenha oportunidade de se consolidar e levar avante o seu válido projecto.

Em referência a todos estes comentários, interrogo os meus idóneos interlocutores do «Litoral»:

— Quem desmente estas realidades? Quem aceita ver minadas dia-a-dia as nossas estruturas que tanta fama nos trouxeram?

Se alguma vez a divisão distrital for destruída, nenhuma estatística nacional citará mais o nome da nossa terra! Aveiro some-se!

Esta minha crítica é feita de boa fé e com recta intenção. Os aspectos da vida corrente mostram, à evidência, a necessidade de nos organizarmos para testemunhar o nosso descontentamento. A hora é mesmo grave. Aveiro vive uma conjuntura a exigir um combate muito grande.

Aveirense:

Se tens igual fervor, se és contra a devassidão do nosso património distrital, mobiliza-te. Uma enorme responsabilidade impende sobre nós.

MANUEL BÓIA

Carmelitas em Aveiro

Continuação da 1.ª página

que faleceu a última professa. Todavia, continuariam no cenóbio dezassete «recolhidas», que ficaram depositárias e responsáveis do espólio da casa.

Este convento foi a terceira fundação carmelita feminina em Portugal, depois daquela Reforma; as duas primeiras haviam sido em Lisboa — os Conventos de Santo Alberto (1585) e de Carnide (1682). Por sua vez, as religiosas aveirenses exerceram decisiva influência na fundação de outros conventos: Cardais (Lisboa), em 1681; Porto, em 1702; Coimbra, em 1739; e Viana do Castelo, em 1780.

Apesar do corte do edifício, em 1905, para se proceder à abertura da Praça do Marquês de Pombal, aí continuaram algumas dessas senhoras, dedicando-se ao fabrico de hóstias para as igrejas, escapulários, costura e bordados, além de outras actividades. Somente em 1910, após a implantação do Regime Republicano, é que a vida religiosa contemplativa deixou de existir no Convento de S. João Evangelista.

JOÃO GONÇALVES GASPAR

Graves carências no Estádio Municipal de «Mário Duarte»

Conclusão da última página

de Aveiro. Trata-se de um desafio, um repto em que temos Aveiro inteiro a «torcer» pela mesma causa — e em que, confiadamente o esperamos, a equipa a que preside o dinâmico Dr. José Girão Pereira vai lutar para se alcançar a vitória que todos ambicionamos.

Não vai haver, por certo, «foras-de-jogo»...

S. Jacinto valoriza-se
mas continua distante!

Continuação da 1.ª página

tes continuam a aguardar a ligação que chegaram a sonhar quando há anos se manteve uma campanha polemista, tendente à construção da ponte que uniria as duas margens.

O problema agudiza-se. As lanchas, antigas e ultrapassadas, continuam generosamente, *graças aos Estaleiros Navais, a estabelecer a ligação. Fala-se numa associação de municípios, que conjugasse os interesses do íncola destas paragens. Pensamos que os concelhos banhados pela Ria, que Raul Brandão, Daniel Constant e João Sarabando tão bem* cantaram, *poderiam, aliados ao Governo Civil, ao Estado Maior da Força Aérea e, é evidente, à Junta Autónoma do Porto de Aveiro, fazer o milagre. Impõe-se a construção da ponte, completamente indispensável ao grande complexo do Porto, da estrada Aveiro-Viseu-Vilar Formoso, do Aeródromo Civil e da ligação Aveiro-Murtosa, com todos os benefícios de incalculável valor para a economia nacional.*

Será que Aveiro e a sua região vão perder a grande oportunidade?

JOAQUIM DUARTE

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 1.ª página

cagaréu, pois todos sabem que, se em certas ocasiões, o Canal Central e o da Praça do Peixe exalam cheiro pouco agradável, não é menos verdade que, daí a pouco, a maré enche e temos um espectáculo lindíssimo e de que poucas terras se poderão orgulhar.

E, a propósito do termo *cagaréu* com que são designados os naturais de Aveiro, ou melhor, os da freguesia da Vera-Cruz, confesso que, de positivo, nada sei; no entretanto, numa conversa que tive, há anos, com o saudoso professor Dr. José Tavares e o meu ilustre amigo Dr. David Cristo, ouvi duas hipóteses para o caso. Uma delas é que *cagaréu* podia provir do termo *cagarete* que, nos barcos, é o lugar onde os barqueiros se assentam para satisfazerem as suas necessidades fisiológicas para a Ria; outra, que *cagaréu* era um caranguejo muito pequeno, que, então, existia em muita abundância e que as gentes da beira-mar apanhavam para vender para «escasso», isto é, para adubar as terras, depois de, devidamente, curtido.

Este «escasso» era vendido para os lavradores das margens da Ria; e essa gente, quando se queria referir aos seus fornecedores chamava-lhes os «homens do cagaréu» ou, simplesmente, os «cagaréus».

Quanto ao termo *ceboleiros* parece não oferecer dúvidas, pois que a freguesia da Glória era composta de lugares onde imperava a horticultura: Santiago, Vilar, S. Bernardo e parte da Quinta do Gato, sendo os seus habitantes em muito maior número do que os da cidade, que daquela freguesia, faziam parte.

— Com estas achegas terei ajudado alguém a procurar a verdade?

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

AGORA FALTAM OS TERCEIROS

Continuação da 1.ª página

grande dinamismo, granjeou prestígio e benesses régias, fez levantar a sua capela, ao lado da de Santo António e em franca ligação com esta, cuja primeira pedra foi lançada em 16 de Janeiro de 1677. Depois, e como prova real da sua dinâmica, projectou a Casa do Despacho em 1682. Reformas internas de grande envergadura foram levadas a cabo, de que resultou o revestimento da capela em talha e azulejo historiado dos meados do século XVIII, tornando este conjunto (também hoje a exigir urgente intervenção) dos mais harmoniosos da arquitectura religiosa ainda existente entre nós.

Habitualmente estas preciosas relíquias (como quase todo o Convento de Santo António) estão vedadas ao público. Podiam ser aproveitadas e valorizadas. Nenhum outro se oferece como melhor local para um museu sacro da Diocese ou da Cidade. Mas, se não fora tanto, pelo menos podia ser aproveitado pela comunidade, antes que o estado-patrão lhe deitasse a mão.

Há «Terceiros» vivos e há outros que, mais novos, talvez gostassem de ser «Terceiros» franciscanos.

E se o exemplo das Carmelitas Descalças fosse motivo de reflexão e fizesse reaparecer a Ordem Terceira de S. Francisco?

Passou, no ano transacto, o sétimo centenário do nascimento de Francisco de Assis. Mas a sua mensagem continua actual. Então, se nos actualizássemos?

Seria também uma forma de acudir às obras urgentes, com a ajuda de todos.

Cabe a primeira palavra aos poucos «irmãos terceiros» de S. Francisco, desta cidade! Depois, a todos os aveirenses.

AMARO NEVES

Acaba de sair e de ser distribuido o número dois do **«Boletim Municipal de Aveiro»**. Do sumário, além de outros temas, consta a evocação dos aveirenses Eduardo Cerqueira, Pereira Tavares e Santos Lé, um extenso artigo sobre a decoração do moliceiro, da autoria do Arq. Daniel Tércio Guimarães, e um outro sobre o saneamento de Aveiro, assinado pelo Eng. Sequeira Pereira.

Ao longo de 56 páginas, ainda aí se podem recordar algumas efemérides aveirenses, várias fotografias de Aveiro antiga e uma alusão à estatueta de Santa Joana que a Câmara Municipal mandou executar. Por último, o leitor poderá ainda ter conhecimento de diversas notícias.

O Boletim denomina-se «Publicação de Indole Cultural e Informativa» e pretende ter uma periodicidade semestral.

FARMACIAS DE SERVIÇO

Sexta	CENTRAL
Sábado	HIGIENE (Esgueira)
Domingo	AVEIRENSE
Segunda	AVENIDA
Terça	SAÚDE
Quarta	OUDINOT
Quinta	ALA

FREGUESIA DE SANTA JOANA

A criação da freguesia de Santa Joana voltou a surgir na ordem do dia. Secundando uma proposta feita em tempos pelo Dr. Carlos Candal, o vereador e deputado Custódio Ramos apelou no hemiciclo de S. Bento para a sua existência, que ficará sediada na populosa localidade da Quinta do Gato.

ANIVERSÁRIO DA DELEGAÇÃO DE AVEIRO DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

No próximo dia 27, domingo, pelas 10 horas, realizar-se-á, na Delegação de Aveiro da Cruz Vermelha Portuguesa, uma cerimónia evocativa da sua fundação (27 de Novembro de 1870), seguida da difusão das suas principais actividades no ano corrente.

ANIVERSÁRIO DA BANDA AMIZADE

A Banda Amizade, também conhecida por «Música Velha», celebrou recentemente 149 anos de prestigiosa vivência, no decorrer de várias cerimónias, das quais se destacaram a romagem à campa dos executantes e sócios já desaparecidos.

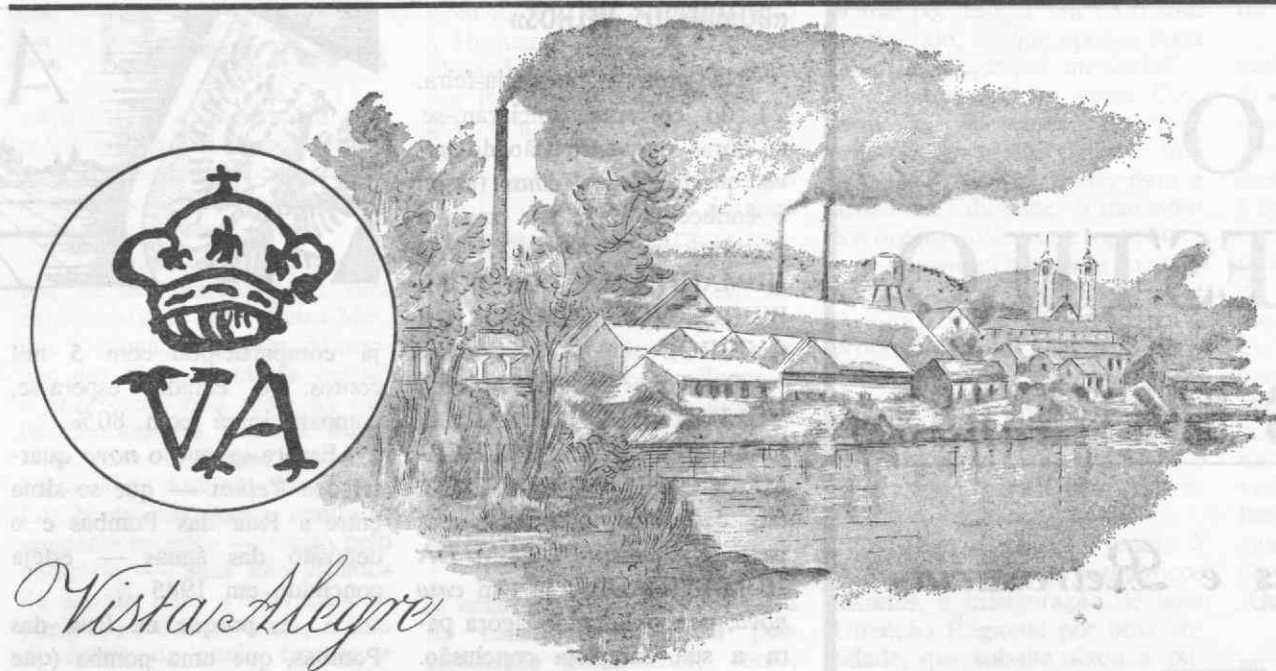
Presentemente, a Banda, que recebeu um honroso convite para se exibir na Alemanha, luta para conseguir sobreviver, mantendo uma campanha de angariação de novos executantes e de aquisição de novos instrumentos.

PASSAGEM DESNIVELADA DE ESGUEIRA

Com a construção da passagem desnivelada, Esgueira viu desaparecer o «passo de nível», designação como era conhecida, sobretudo pela população mais idosa.

O encerramento das «cancelas» provocou, no entanto, fortes protestos de alguns dos seus moradores, principalmente dos que viviam nas imediações, dado que terão de calcorrear um caminho mais longo para se dirigirem à «baixa» da cidade.

Quanto à passagem de nível a população até está de acordo já que, assim sendo, compete-lhe procurar a via rodoviária que mais lhe convém:

Só que... (e aqui é que a tecla da C. P. parece bater desafinada) o total encerramento de tal passagem de nível parece (e é verdade) não interessar a todos.

Por que não resolveu a C. P. facilitar a vida aos moradores peões e aos comerciantes da zona, deixando uma pequena abertura por onde se passasse?

CLUBE DE ARTES-PLÁSTICAS DA CASA DA CULTURA DA JUVENTUDE DE AVEIRO

Destina-se a jovens do Distrito que tenham gosto pelas artes-plásticas. O objectivo é fomentar entre a juventude o interesse pelas artes-plásticas em geral e, em especial, pela pintura, escultura, cerâmica, desenho, banda desenhada, etc.

A inscrição no Clube pode ser feita mediante o preenchimento de uma ficha, a apresentação de duas fotografias e o pagamento de uma quota anual de 100$00.

Os membros do Clube usufruirão das seguintes regalias:

— Recebimento do «Noticiário» mensal do FAOJ.

— Consulta dos livros e revistas existentes na biblioteca da CCJA.

— Facilidades na participação em cursos e ateliers de artes-plásticas.

— Apoio na participação em exposições, encontros e outras manifestações plásticas.

— Abertura às formas de vanguarda (performances, happening, holografia, video-arte, instalações, etc.).

— Participação em exposições promovidas pelo Clube.

— Apoio na participação em concursos promovidos ou apoiados pelo FAOJ.

— Visitas guiadas a mostras de mérito reconhecido.

Participa.

Inscreve-te.

Para mais informações dirige-te à Casa da Cultura da Juventude de Aveiro, com sede nesta Delegação (Av. 25 de Abril, 24-r/c — 3800 Aveiro — Telefone 28625).

MAIS UMA INICIATIVA DA ADERAV

A ADERAV (Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro), vai promover, amanhã, sábado, dia 26 de Novembro, visitas guiadas ao Museu Marítimo de Ilhavo, à Escola de Artesanato e a uma exposição de homenagem ao artista João Carlos Loureiro.

O programa é o seguinte:

1. Concentração, às 14 horas, no largo anexo à Igreja de Santo António (junto ao Jardim Municipal.

2. Visita ao Museu às 15 horas.

3. Visita à Escola de Artesanato e exposição às 16.30 horas.

Diversões

Cartaz dos Espectáculos

TEATRO AVEIRENSE

Dia 25 (sexta-feira), às 21,30 horas; dia 26 (sábado) e dia 27 (domingo), às 15,30 e 21,30 horas; dia 29 (terça-feira) e dia 30 (quarta-feira) às 21,30 horas, **A Escolha de Sofia** — Maiores de 12 anos.

Dia 28 (segunda-feira), às 21,30 horas **Grupo Etnográfico das Barrocas** — Maiores de 10 anos.

Dia 1 (quinta-feira) às 15,30 e 21, 30 horas, **O Céu não pode esperar** — Não aconselhável a menores de 13 anos.

CINE-TEATRO AVENIDA

Dia 24 (quinta-feira) e dia 25 (sexta-feira), às 21,30 horas, **Massacre na Floresta Negra** — Maiores de 12 anos.

Dia 26 (sábado) e dia 27 (domingo), às 15,30 e 21,30 horas; dia 28 (segunda-feira) e dia 29 (terça-feira), às 21,30 horas, **Gandhi** — Não aconselhável a menores de 13 anos.

ESTÚDIO 2002

Dia 25 (sexta-feira), **Os Boinas Verdes,** às 16 e 21,45 horas — Maiores de 10 anos.

Dia 26 (sábado) e dia 27 (domingo), às 15 e 21,45 horas — **Gandhi** — não aconselhável a menores de 13 anos.

Dia 26 (sábado), às 17,30 horas, **As mil e uma noites** — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Dia 27 (domingo), às 11 horas, **Charlie e Snoopy.** — Para todos.

Dia 28 (segunda-feira), 29 (terça-feira), 30 (quarta-feira). Dia 1 (quinta-feira) e dia 2 (sexta-feira), às 16 e 21,45 horas, **Gandhi** — Não aconselhável a menores de 13 anos.

ESTÚDIO OITA

De 25-11-83 a 1-12-83: Segunda a sexta-feira, às 15,30 e 21,30 horas; aos sábados, domingos e feriados, às 15,15, 18 e 21,30 horas **A rapariga de Trieste».**

A tiragem normal deste semanário é de 2.200 exemplares por cada número.

Totobolando

PROGNÓSTICOS PARA O CONCURSO N.º 45/83 DO «TOTOBOLA»

27 de Novembro de 1983

1	Porto — Portimonense	1
2	Rio Ave — Guimarães	X
3	Farense — Penafiel	1
4	Braga — Boavista	X
5	Águeda — Salgueiros	1
6	Estoril — Espinho	X
7	Setúbal — Sporting	2
8	Tirsense — Sanjoanense	X
9	Leixões — Chaves	1
10	Peniche — Alcobaça	1
11	Rio Maior — Torriense	X
12	Silves — Nacional	2
13	Odivelas — Marítimo	2

PROGNÓSTICOS PARA O 9.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO DO «TOTOBOLA»

1 de Dezembro de 1983

1	Estoril — Espinho	1
2	Anadia — Varzim	2
3	Valadares — Rio Ave	2
4	Ermesinde — Setúbal	2
5	Alferrarede — Farense	2
6	Nacional — Ac. Viseu	1
7	Gil Vicente — Caldas	1
8	C. Piedade — Belenenses	X
9	P. Ferreira — Marítimo	X
10	Atlético — U. Madeira	2
11	Elvas — Nazarenos	1
12	Cesarense — Covilhã	2
13	Montijo — Peniche	X

PROGNÓSTICOS PARA O CONCURSO N.º 46/83 DO «TOTOBOLA»

4 de Dezembro de 1983

1	Boavista — Benfica	X
2	Penafiel — Porto	2
3	Guimarães — Estoril	1
4	Varzim — Farense	1
5	Salgueiros — Braga	1
6	Espinho — Águeda	1
7	Sporting — Rio Ave	1
8	Portimonense — Setúbal	1
9	Gil Vicente — Leixões	X
10	Alcobaça — Académico	1
11	U. Coimbra — Covilhã	1
12	Torriense — Guarda	1
13	E. Amadora — U. Madeira	X

Totobolando

Quinta do Simão também existe

ARTUR LAMEGO

Atentos aos problemas locais e ao (re)aparecimento do «velho» LITORAL, um semanário com quase trinta anos de existência, pluralista cem por cento, sem interesses económico-partidários, a Quinta do Simão (porta norte de entrada na Cidade dos Canais) vem apresentar junto da Edilidade o seu mais veemente repúdio pela forma como é esquecida.

Há algum tempo atrás, a única via transitável da localidade foi alvo de grandes melhoramentos, tornando-se aquele caminho lamacento em boa e bonita estrada de alcatroamento satisfatório.

Só que ...

Infelizmente neste País dito democrático e progressista (?) há sempre umas reticências que impedem o povo de dizer que está bem.

Pouco tempo depois do alcatroamento da referida artéria, apareceu uma turma de elementos dos serviços de abastecimento de água ao domicílio e cortou, por onde quis, a obra efectuada; agora, apareceram os operários da Companhia dos Telefones e cortaram do outro lado; os primeiros (os do alcatroamento) haviam destruido as valetas que os moradores tinham cimentado sem mais repor o que estava feito; os segundos criaram um monte de lixo às portas dos moradores; e os terceiros ajudaram a que as águas pluviais incidissem junto das moradias.

Destas três equipas de trabalho, segundo o parecer de alguns moradores, os únicos responsáveis serão, sem dúvida, os serviços responsáveis que existem (?) competentemente nas autarquias locais.

Para quando uma visita oficial à Quinta do Simão?

Para quando a classificação das gentes desta localidade como gente igual à outra?

A estas perguntas, a resposta de quem de direito, vai aparecer certamente.

«BOMBEIROS VELHOS»

Na pretérita segunda-feira, 21 do corrente, iniciaram-se as obras da construção do *novo* quartel dos *Velhos* (assim é conhecida na nossa zona a prestantíssima ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AVEIRO).

Os *Novos* (COMPANHIA VOLUNTÁRIA DE SALVAÇÃO PÚBLICA GUILHERME GOMES FERNANDES), tão dedicados, como os seus pares citadinos, «A BEM DA HUMANIDADE», já têm *casa nova*, pouco faltando agora para a sua completa conclusão.

As obras do quartel que começou agora a edificar-se (a construção foi adjudicada à conhecida firma aveirense «Zeus») estão orçadas em 56 mil contos. A Câmara Municipal de Aveiro já comparticipou com 5 mil contos; o Estado, espera-se, comparticipará com 80%.

Espera-se que o *novo* quartel dos *Velhos* — que se situa entre a Rua das Pombas e o depósito das águas — esteja concluído em 1985 ...

... e, porque na Rua das Pombas, que uma pomba (que é o símbolo da Paz) cubra com as suas asas todos quantos contribuiram — e venham a contribuir — para levar a efeito esta iniciativa, que se tornou imprescindível.

A CIDADE

«AVEIRO — NOTAS HISTÓRICAS»

O notável historiógrafo aveirense Padre João Gonçalves Gaspar (que muito tem honrado as páginas do «Litoral» com os seus preciosos escritos) concluiu mais um livro, com o título aqui em epígrafe, em edição da Câmara Municipal de Aveiro, numa magnífica impressão da «Tipave». A sugestiva capa é da autoria de Artur Lamego, também apreciado colaborador deste semanário.

Trata-se de mais de duas centenas de páginas, em que são focados vários e importantes temas locais e evocadas personalidades que, pelas suas relevantes obras, estão ligadas à nossa região.

Já nesta semana «Aveiro — Notas Históricas» aparecerá nas livrarias.

"SELOS & MOEDAS"

LIMIAR

«Oxalá que a presente publicação venha a servir condignamente os fins, estimáveis, por nobilíssimos. do coleccionamento puro — queremos dizer: daquele coleccionamento que elege, para cotação das espécies, menos os preçários mercantis do comércio vulgar do que o mérito absoluto do documento amorosamente arquivado — mérito que tanto pode filiar-se na raridade do espécime, como na sua estética, como na lição que nos dá».

FOI em Dezembro de 1962 — completam-se hoje, rigorosamente, 21 anos — que, sob a mesma epígrafe do presente escrito, o autor destas modestíssimas linhas formulou o voto acima transcrito. Fê-lo a pedido dos primeiros Directores e impulsionadores de «Selos & Moedas» (o saudoso Morais Calado e Carlos Leitão), como hoje o faz por «imperativo» (a que não pode escusar-se) do actual Director, Vitor Falcão, este, como os seus antecessores, um nome grande na Filatelia, não só a nível nacional, mas também internacional.

Vale dizer agora que o voto de há 21 anos se concretizou — e mais: os preconizados anseios de então transcenderam todas as expectativas de uma revista que exige consideráveis meios financeiros, uma imensa devotação (melhor diria **devoção)** dos seus responsáveis; específica competência dos colaboradores e total isenção de ideologias que transcendam as atinentes temáticas. E os rumos seguido por «Selos & Moedas têm conduzido para cumes que hoje situam a valiosa publicação, aquém e além fronteiras, nos mais altos cimos de prestígio: válidas sugestões, elucidativas entrevistas, magníficas crónicas, pertinente noticiário, excelente apresentação gráfica — fizeram de «Selos & Moedas» um indispensável contributo A BEM DA FILATELIA E DA NUMISMÁTICA (até mesmo da MEDALHÍSTICA).

O respectivo pendão «ergue-se bem alto no mastro grande do **Galitos de Aveiro»** — assim o afirmara já, em 25 de Agosto de 1962, o diário «República». Só que, a partir desta actual e gloriosa efeméride (hoje também assinalada com a abertura de uma Exposição que, certamente, será mais uma mostra de notáveis realidades e potencialidades), o mastro do Clube dos Galitos (de que «Selos & Moedas» é, como sempre foi, revista trimestral do respectivo sector) tem que subir ainda mais, mercê da continuidade dos sacrifícios do Director, dos Redactores João Artur Capão Filipe e Luís Miguel Capão Filipe, dos Administradores António Campos Paula e Fernando Andias Carvalho, dos sapientíssimos colaboradores estranhos ao burgo aveirense (mas dele animicamente «naturais», por afeição à revista e às realizações nela preconizadas).

Que a segunda clássica maioridade, a dos 21 anos, agora atingida, (a dos 18 anos, maioridade actual, foi em Dezembro de 1980) seja continuidade de vigor. E, porque assim se espera, este escrito **limiar** deveria ter melhor título: LUMINAR — ou seja **astro**, segundo os léxicos.

(Do preâmbulo da edição de «Selos & Moedas» de 1 de Dezembro próximo).

DAVID CRISTO

NA MARÉ-BAIXA

Continuação da 1.ª página

No crescente desta maré negra, a debater-se por forças alquebradas, surge este semanário, independente, aberto a todas as correntes, tribuna límpida do afloramento dos problemas que nos afectam, preocupam, e ferem profundamente o nosso brio de aveirenses. Teimosamente a boiar, numa tentativa de salvação, as suas páginas são aguardadas, com muita ansiedade, por todos quantos desejam que o arauto mais representativo, não se afunde na corrente caudalosa, arrastando no naufrágio a defesa intransigente dos interesses e direitos da cidade e região.

Depois, é o Rossio — que, como escrevemos no válido orgão da Portucel, de Cacia, (prestes a desaparecer?), e, parafraseando Camões, «onde a cidade acaba e a ria começa» —, transformado em mar de poeira ou de lama, consoante o cariz do tempo. — Será que, como anunciam os «Deuses», (que não Zandinga!...), a obra que se impõe irá finalmente surgir, para o transformar em aprazível sala de visitas?

Agora, são os passeios que a maré-baixa afunda e, com eles, os pitorescos desenhos de basalto, criados por mãos de artistas, guloseima das objectivas fotográficas dos turistas, estropiados e destruídos por mãos criminosas, insensíveis ao espírito criador, espelho da incompetência desmesurada que reina neste País.

O volume das águas prossegue na sua marcha pelas ruas características da Beira-Mar: das Tricanas, Salineiras, Marnotos, das Velas, e tantas outras, e enegrece ainda mais na que foi denominada rua das Marinhas, para dar lugar, ainda recente, à de António dos Santos Lé. Nada nos move contra o eminente maestro — muito pelo contrário —, mas não estamos de acordo com a alteração, só porque, na circunstância, a sala de ensaio da então famosa e inesquecível Banda de José Estêvão ali se ter situado.

Por favor, Senhores da Comissão de Toponímia: não adulterem os nomes da nossa querida «Medina», quando existem artérias novas, nesta terra em crescimento, a precisar de identificação! — A Banda Amizade não tem o seu nome tão longe da sede? Não nos digam também, apenas porque viveu naquela rua (?), que a vão denominar de Eduardo Cerqueira! — Que afronta ao saudoso e ilustre aveirógrafo! — É que a dimensão e o calado de tal embarcação impossibilita-a de atracar ao pequeno Cais do Paraíso! Como parêntese, permitam-nos recordar, à referida Comissão, as dívidas em aberto a Homem Christo, à Condessa Mumadona, a Domingos João dos Reis, e porventura outros, que no momento não nos ocorrem.

A maré-baixa desvia o curso para a Avenida de Lourenço Peixinho, principal artéria bancária e comercial da cidade. O espectáculo do lixo é confrangedor (como de resto por toda a parte!), mormente à noite, quando as pessoas afluem a contemplar as vistosas montras e deparam — a contrastar — com as montureiras mal cheirosas, a engalanar os passeios e, depois da recolha, os restos profusamente espalhados.

Também por lá sobressaem os «mamarrachos» que abundam na cidade, chancelados pela repartição competente, como, da mesma maneira, os actos de vandalismo, por deficiência policial.

No topo, frente ao monumento do Presidente que a rasgou, ergue-se aquela jóia da Estação do Caminho de Ferro, que uma das numerosas «autarquias» citadinas — empecilhos que desde sempre têm entravado a resolução de uns tantos problemas locais — mantém em vergonhoso estado de abandono as obras de melhoria que se propôs realizar, que incluem — supomos — a restauração dos tão maltratados painéis de azulejos, que belamente a emolduram.

— Mas, quem sustém a maré-baixa que nos atinge, que acaba por afogar um bairrismo moribundo, de que apenas resta uma já longínqua memória?

Eis que sobe a velha Costeira e, silenciosa, queda-se ante o grande Tribuno, que aponta, acusadoramente, para a apatia da Edilidade, o marasmo dos orgãos autárquicos, que aceitam passivamente, sem o menor repúdio, as injustiças de que Aveiro, o seu concelho e o próprio distrito, têm sido vítimas sistemáticas do poder político, que, com despudor inaudito, continua a minimizar, em relação a vizinhos, um povo e uma região, paradigmas de trabalho e progresso.

Bem recente, a juntar à já extensa lista de autênticos insultos, a inauguração de uma Direcção Regional por uma entidade, que subalternizou a pujante actividade bancária aveirense, a outra (sempre a mesma!...) cidade. Depois, em jeito de lançar poeira ao olhos, eleva a agência, no nosso burgo, a Directoria, esquecendo-se de que a nortada predominante não dá lugar aqui a poluições!...

Basta de maré-baixa! É imperioso que os poderes concelhios, em uníssono, congreguem todas as forças vivas, para — em maré, então viva de entusiasmo, em manifestação ordeira e consciensiosa — proclamarem bem alto o seu mais veemente protesto, junto do representante do Governo Central, como repúdio pelas afrontas constantes — que não veladas, mas descaradamente, visam diminuir e ofuscar Aveiro. É imperioso — repetimos, porque se anuncia que, no início do próximo ano, deverá ser aprovada pelo Conselho de Ministros, para de seguida apresentar à Assembleia da República, a decantada Lei-Quadro das Regiões.

Quer dizer: a verificar-se a aprovação da famigerada Lei, será a amputação, pior ainda, o desaparecimento puro e simples do distrito que mais contribui *per capita* para o erário público.

AMADEU DE SOUSA

Conclusão da última página

O Lago do Paraíso

margem. A areia branca e fofa não existe longe e quanta se queira... Estamos mesmo a visionar, e connosco um ou outro leitor, filas de barracas multicolores «florindo» a praiazinha deliciosa, embora humilde.

Redarguir-se-á, possivelmente, que sonhar é fácil. Mas como semelhante empreendimento não exige somas fabulosas, antes requer apenas decidida boa vontade, acreditamos francamente numa solução cabal e em extremo simpática.

Numa cidade com as características de Aveiro, onde os monumentos com verdadeiro interesse rareiam, o caudal de turistas deve ser canalizado para as deslumbrantes «páginas» da Ria. O resto é banal... «paisagem». Simultaneamente, impõe-se dotar o meio com apropriados e condignos recintos desportivos. Ora, o Lago do Paraíso, podendo e devendo servir o Desporto, deve e pode também servir o Turismo. Ninguém ignora, repetimos, que um e outro andam a cada passo de braço dado... Logo, que num futuro breve o «Paraíso» seja transfigurado num paraíso autêntico — no interesse da própria saúde pública e para deleite de visitados e visitantes.

Valorizemos o que é nosso, fazendo sobressair as pérolas da Natureza. Finalmente, não esqueçamos que, do ângulo competitivo, Aveiro ficaria com singulares possibilidades de ser amanhã um alfobre de campeões náuticos, de campeões a lançar naquelas provas internacionais onde quase todos os países, por óbvias razões, «batalham» pelo triunfo.

JOÃO SARABANDO

PREPARANDO O RELANÇAMENTO DO «LITORAL»

Mondego em relação à capital do Vouga, já que Aveiro terá de ser sempre — caso os Aveirenses nisso se empenhem de alma e coração! — a MECA NACIONAL DE PROVAS NÁUTICAS!

Isto mesmo se evidenciou em 4 de Agosto de 1962 (n.º 406 do LITORAL), em página que, entre outros, incluía o texto do Jornalista João Sarabando, hoje aqui recordado, com o ardente desejo de que, embora com vinte anos de atraso, se sigam as soluções preconizadas e passemos a ter, como bem merecemos, um autêntico Paraíso...

Mais recente (foi publicado no n.º 1359, de 16 de Outubro de 1981) é o apontamento que escrevemos, com o título de GRAVES CARÊNCIAS no Estádio Municipal de «Mário Duarte» e transcrevemos na íntegra. De várias falhas que no texto se anotam, uma apenas deixou de subsistir: no sector reservado aos homens da comunicação social já existem condições que permitem aos jornalistas trabalhar de modo satisfatório. Os restantes alvitres-sugestões, no entanto, foram totalmente esquecidos ou ignorados, o que vale o mesmo...

Daí a nossa insistência. Voltamos a carregar na mesma tecla, com a esperança de sermos escutados. É que entrar no «Mário Duarte» — um estádio que continua a carecer do campo-satélite em condições de útil operacionalidade! —, na quadra em que o Inverno nos bate à porta, torna-se um verdadeiro e indesejável Inferno!

E, temos de convir, não é credencial que marque pontos a favor das entidades de Aveiro. Bem pelo contrário...

ANTÓNIO LEOPOLDO

Litoral

Só agora... mas reaparece!

Continuação da 1.ª página

... aconteceu que, dos principais interessados, uns adoeceram e, outros, por via dos seus afazeres profissionais se ausentaram para o estrangeiro. Daí que o interregno se prolongou até agora — e, com o presente número, pretende-se evitar a perda dos direitos que ao jornal competem legalmente.

Todavia, espera-se que, durante o próximo mês de Dezembro, o «Litoral» possa passar à sua normal publicação semanal — e, se não nesse mês, nos começos de Janeiro-84.

Seja como for, o «Litoral» continuará (assim se espera); e, como consta do seu estatuto (oportunamente publicado e reiterado), será sempre uma folha independente e regionalista.

PREPARANDO O RELANÇAMENTO DO Litoral

Este jornal publicou-se pela última vez (n.º 1366) há sensivelmente um ano (26 de Novembro de 1982). Na nota de abertura que então escrevemos na Secção Desportiva, para além de referirmos que diversos condicionalismos que ultrapassavam o específico âmbito da página que dirigimos impediam que o LITORAL voltasse, desde logo, e após um ano de intervalo, à regularidade normal das suas edições semanais, anunciámos que tudo fazia supor que o regresso do jornal se concretizasse em Janeiro de 1983 — pois estavam a ser congregados os melhores esforços da equipa do LITORAL no sentido de se garantir a desejada e desejável normalidade da sua vida editorial.

Motivos diversos — sem dúvida ponderosos e impossíveis de ultrapassar — impediram a concretização de quanto se tinha planeado e programado, prolongando-se as nossas longas e «forçadas férias». E hoje, com a presente edição, não regressamos ainda num retorno efectivamente marcado pela saída, em cada semana, de mais um número do LITORAL.

Ao que se julga, agora, é possível que o jornal possa voltar ao contacto com os seus leitores muito brevemente — para prosseguir, a partir de então, a sua já longa vida de quase três décadas, num ritmo semanal, certo, seguro, sem falhas.

Até lá, entretanto, para a feitura da página que nesta edição oferecemos aos leitores — e na manifesta impossibilidade de, ainda que em resumidas sínteses, arquivarmos os resultados obtidos pelos atletas e pelos clubes aveirenses (e Aveiro-Cidade e Aveiro-Distrito alcançaram, em diversíssimas modalidades, assinaláveis e saborosos títulos nacionais e alguns êxitos, igualmente notáveis, em competições internacionais!) — decidimos trazer a lume dois temas, que, bem no fundo, são o mesmo caso, a mesma tecla, que não nos cassamos de bater, porque nos confrange verificar que, em Aveiro, no capítulo que concerne a instalações desportivas, nada se concretiza em tempo devido, nada se resolve a contento, nada se faz de novo, com os olhos virados para o futuro!

Entendemos de manifesta oportunidade relembrar os textos que fomos buscar aos arquivos do LITORAL — até porque, há dias, veio nos jornais a notícia de que, na próxima época, as provas maiores do remo nacional iriam ser realizadas em Coimbra, fugindo-se do Rio Novo do Príncipe em consequência do elevado grau de polução das suas águas... Facto que, naturalmente, muito nos entristeceu (sem enveredarmos por caminhos ou vias sinuosas, de mal entendidas e mesquinhas rivalidades...), esta sobrevalorização da capital do

Continua na penúltima página

Secção dirigida por António Leopoldo

GRAVES CARÊNCIAS

no Estádio Municipal de «Mário Duarte»

Diversas vezes — tantas, tantas que já não têm conta... —, temo-nos feito eco, nas colunas do LITORAL, de carências, de ordem vária, do Estádio Municipal de «Mário Duarte».

Uma delas, de muito fácil e rápida solução, refere-se à falta, nos lugares reservados à Imprensa, ao menos de uma prancha de madeira, que possibilitasse aos homens dos jornais um mínimo de condições para o desempenho das suas tarefas. No entanto, e para que não se julgue que pretendemos apenas puxar a brasa para a nossa sardinha, não insistimos, hoje, neste pedido-alvitre — até porque temos a promessa, de qualificados dirigentes do Beira-Mar, de que o assunto vai ser resolvido, muito em breve. Aguardemos...

O que importa é que — sem perda de tempo — se solucione o triste e a todos os títulos lamentável aspecto de verdadeiro lamaçal que existe, entre os portões de entrada no estádio e o início da bancada e da superior (topo do lado-Norte) e se prolonga, depois, diante de todo o sector das bancadas (central e laterais).

Este ano, só ainda no começo da quadra do Outono, intempéries intempestivas e devastadoras trouxeram a Aveiro a fúria dos elementos, causando irreparáveis danos, particularmente em vetustas e frondosas árvores, de grande porte, do Parque Municipal — de que o Estádio de «Mário Duarte» bem poderá considerar-se uma parte complementar.

É óbvio que esta descontrolada invernia, em pleno Outono, para além das negaças feitas ao calendário, causa sérios contratempos ao programado plano de obras em curso no fecho dos degraus da «Superior» do estádio e nos trabalhos de terraplanagem do campo-satélite — dois melhoramentos de grande vulto e de enorme interesse para o futebol aveirense e para os desportistas da nossa terra.

No entanto, estamos em crer que, nesta altura, assume um grau de total prioridade o arranjo a que atrás aludimos — por forma a acabar, de uma vez para todas, com o *espectáculo* que se verificou no penúltimo domingo, e de que foram, a um tempo, *testemunhas* e *vítimas* todos os que, por qualquer motivo, foram assistir (ou participar) no jogo Beira-Mar — Benfica de Castelo Branco.

Um *espectáculo* deveras caricato, que, sendo até passível de vergonha para qualquer zona rural, mais vergonhoso e inadmissível se torna numa cidade, como Aveiro. Foi, de facto, «lindo de ver» a fila indiana dos espectadores, sob chuva forte, a encaminharem-se para os seus lugares e a sairem destes, no regresso a suas casas, fazendo equilíbrios circenses sobre pranchas de madeira, colocadas quais barachas, para impedirem o atolamento total dos passantes...

Para lá deste ângulo de visão, o problema apresenta-se de maior gravidade, já que dele resultam prejuízos para a saúde — e importa, por todos os meios, preservar a qualidade de vida de todos nós! — e para a bolsa, pelos estragos no vestuário (calçado e calças)...

Ora, parece-nos — sem ter a veleidade de entrar em conflito com os técnicos, certamente habilitados para resolver o assunto — que o caso é de cristalina simplicidade; e, por isso, atrevemo-nos a apontar a solução que se nos afigura mais ajustada.

Trata-se da aplicação — mas de imediato, sem perda de tempo! — nas referidas zonas de pavimentos idênticos (ou mesmo iguais) aos que se utilizaram no arranjo do recinto da «Feira de Março» e nos passeios da Rua dos Santos Mártires.

É este o pedido-sugestão que hoje deixamos à Câmara Municipal

Continua na 2.ª página

O LAGO DO PARAÍSO

—«ESMERALDA» DESAPROVEITADA A DOIS PASSOS DE AVEIRO

Pode e deve ser transfigurado num autêntico paraíso dos Desportos da Água

Por: JOÃO SARABANDO

AVEIRO, tricana-princesa da Ria, onde há mil anos montes de sal já estrelavam a laguna, sempre adorou o Desporto. Afirma-o um memorialista de seiscentos e todos sabem que, nos fins do século XIX, graças ao insigne Mário Duarte, as modalidades codificadas pouco antes pelos ingleses tiveram na graciosa urbezinha estirada à beira da mais bela planície líquida de Portugal um poderoso fulcro de irradiação.

Ostentando magníficas tradições, possuindo altos pergaminhos, Aveiro continua, apesar de quase completamente carecida de rectângulos e pistas, a alardear um ecletismo que não pode ser minimizado e muito menos desconhecido. Efectivamente, disputa actualmente competições de remo e vela, natação e motonáutica, pesca desportiva e hóquei patinado, automobilismo, futebol, basquetebol e andebol de «sete». Para completar o rol, pode e deve acrescentar-se que pratica igualmente o esqui aquático, o ténis, o ciclismo, o campismo.

Para tanto labor, para semelhante dinamismo, existe um campo de futebol, um corte de ténis, um rinque de patinagem sem as dimensões regulamentares e o recinto, agora aproveitado para partidas andebolísticas e basquetebolísticas, onde existiu até há pouco o tanque-piscina do Sport Clube Beira-Mar. Mais ainda, para tudo ficar rigorosamente exacto: a maravilhosa Ria com o seu dédalo de glaucos ou azulinos canais e o já famoso Rio Novo...

Como se infere, pouquíssimo em função da actividade presente e quase nada em relação ao futuro que amanhece, que se antevê — a menos que abrande o fervor pelo Desporto, aliás hipótese improvável, para não dizer absurda...

Supérfluo se torna enumerar o muito que falta, uma vez que foi balançada, como se leu, a modesta existência. No entanto, não resistimos à tentação de lembrar que Aveiro tem premente necessidade de uma piscina, de um pavilhão de desportos e de um parque de campismo. Equivalerá isto a pedir a Lua? Não o cremos, até porque outros centros urbanos já resolveram tais problemas. Haja em vista Braga, por exemplo, que dispõe agora, a par do seu magnífico estádio, uma excelente piscina.

Mas deixemos isto, por hoje. De resto, nesta crónica, escrita em plena quadra estival, pretendemos apenas recordar que a «tricana-princesa» da Ria é susceptível de se transfigurar num novo eldorado dos desportos da água, daquelas modalidades que são, afinal, como que irmãs siamesas do Turismo... Possui, realmente, todos os dons nenhum lhe escasseado. A linfa corre-lhe aos pés, cinge-a amoravelmente, sob o luminoso ósculo do sol. Depois, a paisagem é única, incomparável.

Precisamente a 1600 metros dos Arcos, eterno coração do burgo, e tendo por limite, a Norte, a moderna rodovia Aveiro-Costa Nova, acha-se geométrica mas caprichosamente recortado na Ria um lagozinho com a superfície de bastantes hectares. Toponimicamente, é designado por Lago do Paraíso e está mesmo talhado, na verdade, para paraíso dos desportos da água. Urge aproveitá-lo, consequentemente, do ponto de vista desportivo e turístico. Com dispêndio algo insignificante é possível transmudar-lhe o recinto num aprazível, cómodo e utilíssimo campo de regatas para os desportos de vela, do remo, da motonáutica, numa pista de esqui aquático e de natação, no aspecto das chamadas provas de rio...

Certas e determinadas grandes manifestações exigerão outros palcos mais vastos? Não contestamos, limitando-nos a afirmar que o Lago do Paraíso, por vizinho do populoso centro que já é Aveiro, multiplicaria o número de praticantes e incentivaria a organização de frequentes competições.

Entretanto, quais as obras que importa fazer? Mas, dragar o lago e, com as terras, construir uma estrada contornante, no todo ou em parte, para bicicletas, peões e automóveis. Em qualquer caso, tal estrada ligaria com a de S. Tiago, a menos de um quilómetro da cidade.

Por seu turno, os clubes ergueriam os hangares e os vestiários e a iniciativa particular um ou outro bar ou restaurante... Porque, independentemente da utilização do lago pelos desportistas, todo o público, nomeadamente o menos favorecido de recursos económicos, poderia usufruir o plácido recinto à guisa de praia lagunar. Não tivemos aí, e citamos ao acaso, a piscina fluvial coimbrã?

Para o efeito, do lado mais ao abrigo dos ventos dominantes e tendo em vista a formosura da paisagem, arear-se-ia a respectiva

Continua na penúltima página

Antes da actual fase de «podridão» motivada pelas suas águas poluídas, a nossa Ria — com alvinitentes montes de sal — era um ex-líbris de que Aveiro muito se ufanava. E o Desporto descobriu no Lago do Paraíso invejáveis e ímpares condições para competições náuticas, que, nos anos de 60 e 70, aí se realizaram, com sucesso notável... Hoje, esperamos que Amanhã possa vir a repetir (e suplantar!) os êxitos de Ontem!

Ex.mo Senhor
João Sarabando
3800 Av

Litoral — AVEIRO, 26 - 11 - 83 — ANO XXX — N.º 1367